

## Gustav Stutzer: O “tecer” da ponte Brasil-Alemanha

Dra. Ingrid Ani Assmann de Freitas (UNESP)

“Mudam de céu, não de espírito, os que  
transpõem o mar”  
Horácio (65-8 a.C.), Epístolas, 1,2.

Gustav Stutzer (1839 em Seesen-1921 em Heidelberg) publica em 1913 a obra *In Deutschland und Brasilien Lebenserinnerungen* (Memórias), que em 1921 atinge a 16ª edição. Nesta obra, dividida em partes, o autor relata, com extrema precisão, suas recordações de viagem entre o Brasil e a Alemanha de 1885 a 1909.

O livro de Gustav Stutzer é de caráter autobiográfico e teve, com exceção de *Duas Viagens* de Hans Staden de 1557, o maior número de edições que qualquer outra obra a respeito do Brasil (FOUQUET, 1974, p.77). Representa uma valiosa fonte de consulta para os que se dedicam a rastrear a história do Brasil durante a abolição e a instauração da República.

O autor das memórias de viagem, antes de iniciar o relato sobre o Brasil, descrevendo-o geograficamente e historicamente, sente uma profunda necessidade de dizer que

*...mir aber ist es eine Freude, von einem Lande zu berichten, welches unsere zweite Heimat geworden ist und die wirkliche Heimat von mehreren unserer Kinder und vieler Enkel, und woran mein Herz noch heute in großer Liebe hängt. (p.218)*

... para mim é uma alegria falar sobre uma terra que se tornou nossa segunda pátria, e pátria verdadeira para muitos de meus filhos e netos. Por essa terra meu coração ainda hoje nutre um grande amor.

Uma leitura criteriosa da obra acaba por revelar um olhar atento e perspicaz quer se voltando para a natureza, quer para o índio, quer para o negro ou para os “traços culturais” próprios desse povo, ainda tão jovem, numa realidade diferente, porém não menos atraente.

Ao descrever a região física do Brasil, é a imensidão do solo brasileiro que predomina ao lado do calor intenso, da febre e dos insetos, elementos típicos de um clima tropical. Os viajantes citados no texto de Stutzer, como os naturalistas Franz Keller Leuzinger (1835-1890) e Karl von den Steinen (1855-1929), ilustram esse aspecto de um país dos trópicos, ao relatar que:

*... fast umgebracht durch Ungeziefer, Fieber und Hitze, haben doch nur einige Nebenflüsse des Größten Stromes der Welt kennengelernt, während das dazwischen liegende, ungeheure weite Land so gut wie noch unerforscht ist. (p.219)*

... (eles) foram quase mortos pelos bichos, febre e calor. Conheceram apenas alguns afluentes do maior rio do mundo, enquanto que as extensas terras entre estes são quase que inexploradas ainda.

O tópico **História do Brasil** inicia-se com a explicação do nome Brasil (FUNARI, 1997, p.13). Para Stutzer, o verdadeiro significado apenas ficou claro *drüben* (lá) no Brasil. Assim, o autor conta uma história que começa:

*... man fand viel Farbholz an der Küste, dessen brennendes Rot die schwarzhaarigen Portugiesinnen und Spanierinnen in ihren Kopfschleiern (mantilhas) prächtig kleidete, also gefiel. Braz... bedeutet die "rotglühende Kohle", brasil als Eigenschaftswort "rotglühend". So wurde der ursprünglich von Cabral bestimmte Name des Landes "Vera Cruz" "Wahrhaftiges Kreuz" durch die Frauen Europas nach und nach in Brazil verwandelt.. (p.222)*

... encontrou-se muita madeira na costa, cujo vermelho ardente agradava demais às portuguesas e espanholas que cobriam seus vastos cabelos negros com lenços. Bras... significa "o carvão em brasa", brasil como adjetivo "candente". Assim, o antigo nome do país "Vera Cruz", dado por Cabral, que significa "cruz verdadeira", transformou-se em Brasil, aos poucos, pelas mulheres da Europa.

Para o narrador, não somente o nome **Brasil** contém a cor vermelha, mas também, as folhas de sua história, que **são escritas com sangue**.

O relato sobre o habitante original do Brasil, sua quase extinção pelos portugueses, bem como a descrição do negro, trazido então para o trabalho braçal e escravo desde 1534, para ajudar nas minas de ouro e de diamantes, caracterizam o sangue das letras com que se escreve nossa história.

No decorrer de suas **Memórias de Viagem** ocorre uma longa discussão sobre o **habitante natural** do Brasil, o **índio**, sua história desde a descoberta da América, sua língua e as subdivisões dos grupos.

Odebrecht, um dos personagens da obra que, segundo Stutzer, era homem muito culto que imigrou para o Brasil há trinta anos, assume o **discurso** e explica:

*Wir geben allen ureinwohnern den sinnlosen Sammelnamen "Indianer," weil Kolumbus die Küste Indiens entdeckt zu haben glaubte. (p.259)*

Nós denominamos todos os habitantes originais pelo termo genérico e absurdo de "índio" porque se acreditava que Colombo havia descoberto a costa das Índias.

E acrescenta:

*Wir müssen bei den Ureinwohnern Brasiliens drei Zonen unterscheiden: die der Küste, der Waldgebirge und der Hochebene. (p.258)*

Precisamos distinguir os habitantes originais em três regiões: os da costa, os da floresta montanhosa e os do planalto.

A seguir, nosso personagem, que parece dominar a língua dos índios, passa a citar inúmeros exemplos em tupi-guarani. Para ele, a língua dos índios era encantadora e lógica, pois

*Ein Volk mit einer so ausgebildeten Sprache muß auf einer hohen Stufe der Intelligenz gestanden haben. (p.259)*

Um povo com uma língua tão desenvolvida teria que ter alcançado um alto grau de inteligência.

O personagem Odebrecht é instigado a falar mais sobre os índios e esclarece então o que significam os bugres, ou **índios bravos**, ou Tapajós, ou ainda outras denominações do habitante original conforme a região. Descreve, primeiramente, a destreza, a astúcia e a habilidade com que estes se livram de seus inimigos que, para eles, são todos aqueles que adentram suas matas.

Segundo uma nota de rodapé na obra de Stutzer, os fatos narrados pelo personagem Odebrecht em 1886 encontram respaldo nas citações de Karl von Steinen, que relata sua viagem ao Brasil Central, nos anos de 1887 e 1888, (p.262) na obra *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Steinen foi um pioneiro estudioso alemão na investigação científica dos povos indígenas da América do Sul, e que impulsionou a etnologia brasileira (COELHO, 2004).

Pode-se observar durante o longo trecho referente aos índios, que o fator religioso o perpassa fortemente. Assim, quando fala dos portugueses que matavam os homens das tribos para ficarem com as mulheres, lamenta que com isso o povo tenha perdido sua língua (tupi-guarani) para serem cristianizados (*christianisiert*). Esta língua tão culta (tupi-guarani) que deveria ser preservada a qualquer preço, foi friamente

*... ist es von denselben sogenannten Christen hingeschlachtet, welche dann, unbehindert von der allmächtigen Kirche, 300 Jahre lang sich die Sklaven als Arbeitsvieh aus Afrika holten. (p.259,260)*

... degolada pelos mesmos cristãos, que então, sem encontrar obstáculo algum da toda onipotente igreja, trouxeram por 300 longos anos os escravos da África para servirem como animais de trabalho.

A forte crítica à igreja, que **permitiu** durante tantos anos a escravização dos negros, é reiterada e compartilhada na voz do próprio narrador quando questiona:

*... Ob es wohl viele gibt, die wissen, wie sich die römische Kirche 300 Jahre lang dort (Brasilien) zum Sklavenhandel verhalten hat? (p.223)*

... será que há muitas pessoas que sabem como a igreja romana (no Brasil) procedeu durante 300 anos em relação ao comércio de escravos?

O problema religioso entre as igrejas católica e protestante, também no Brasil, teve uma história. Para explicar a situação dos protestantes que imigravam para o Brasil, observa:

*Bis zum Jahre 1808 war jede Ansiedlung von Protestanten in Brasilien verboten. Von da an sollte sie "geduldet" werden; aber nur unter den Bedingungen: Kein Gotteshaus darf die Form einer Kirche haben - Turm, Glocken, Orgel sind verboten - gemischte Ehen sind unehelich - die gestorbenen Protestanten dürfen nur in dem Winkel der Kirchhöfe ohne jede Begleitung und Ehrung "beigescharrt" werden, der für die Selbstmörder bestimmt ist. (Ja, ja, man muß in einem von der römischen Kirche beherrschten Lande gelebt haben, um ihre christliche Gesinnung zu verstehen!) Noch im Jahre 1883 halfen alle Vorstellungen nicht, diese gesetzlichen Bestimmungen aufzuheben. Erst die Republik, 1889, erklärte diese, "Vorrechte" der katholischen Kirche für hinfällig. (p.224)*

Até 1808 era proibida qualquer colônia de protestantes no Brasil. A partir daí ela deveria ser "tolerada", porém sob as seguintes condições: nenhum templo poderia ter a forma de uma igreja - a torre, os sinos e o órgão eram proibidos. Casamentos mistos não tinham validade legal e as crianças dessas uniões eram ilegítimas. Os protestantes mortos poderiam ser "enterrados" no canto do cemitério, reservado para os suicidas, sem qualquer acompanhamento e honra. (Sim, sim, a gente tem que ter vivido num país dominado pela igreja romana para entender seu sentimento cristão!) Ainda em 1883, todas as repreensões não ajudaram a revogar estas determinações legais. Apenas a República, em 1889, conseguiu anular estes privilégios da igreja católica.

Quando descreve os negros, parece encantado com seu porte físico e sua rápida recuperação de possíveis maus tratos. No texto do pastor Stutzer, o negro é também apresentado como uma criança que se deixa conduzir com "amabilidade". Vejamos o texto:

*... diese beiden Kerle mit den Breiten Schultern, den dicken Muskeln in Armen und Waden; wahre Prachtgestalten. Ein paar Tage frei, gute Verpflegung, ein Trinkgeld in Aussicht... Die Neger sind Kinder, oft recht ungezogene, selten boshafte; aber Augenblicksmenschen, die sich mit Freundlichkeit und Ernst leiten lassen. Ich habe viele Schwarze kennengelernt, aber keinen traurig gestimmten. (p.304)*

... estes dois sujeitos, de ombros largos, de músculos fortes nos braços e nas pernas, verdadeiras figuras magníficas. Alguns dias livres, uma boa alimentação, uma perspectiva de ganhar gorjeta... Os negros são crianças, freqüentemente bem desobedientes, raramente más, porém

peças inconstantes, que se deixam levar com amabilidade e seriedade. Eu conheci muitos pretos, mas nenhum triste.

Ao comentar a abolição dos negros de 1888, o olhar de Stutzer aparece sob o estigma da confusão. A libertação estava prevista para setembro de 1898 e não para maio de 1888, fato que acarretou um enorme prejuízo para os grandes fazendeiros e para o governo. Segundo ele

...Da muß doch ein Kind einsehen, daß der größte Teil des Grundbesitzes durch den einen Federstich ruiniert ist. So etwas kennt ja die ganze Weltgeschichte nicht! Und Brasilien ist doch bis jetzt noch nichts anderes als ein Ackerbau treibender Staat. (p.309)

...Até uma criança precisa reconhecer que a maior parte dos proprietários de terra está arruinada por este único “rasgo de caneta”. Um fato assim, toda a história mundial desconhece! E o Brasil ainda não passa de um país agrícola.

Nesse texto, percebe-se que Stutzer não trata a escravidão apenas como uma instituição social, ou de ordem moral, mas também como um fato que tem implicações econômicas, já que é um **modo de produção** do país.

Ampliando essa reflexão, diríamos que não ocorrem apenas causas ou efeitos de ordem econômica num fato econômico (MEYER, 1979, p.29). Fatores de natureza social, política, religiosa ou moral reagem sucessivamente uns sobre os outros, de maneira que é quase impossível determinar com exata precisão a parcela de influência que cabe a cada um. Consequentemente, a análise de um determinado fato dependerá, exclusivamente, do ponto de vista adotado.

Na voz de um outro personagem, Stutzer deixa transparecer a associação de idéias abolicionistas com a igreja e os jesuítas, pois

*Was fragen die Jesuiten nach Kaiserreich oder Republik? Sie fragen nur nach Befestigung ihrer Macht.* (p.309)

O que importa aos jesuítas se temos Império ou República? Para eles só interessa a consolidação de seu poder.

E continua

... Wenn dann die Republik hergestellt ist, steht die “Kirche” als Bahnbrecherin der “Volksfreiheit” da und erscheint den Schwarzen als die Erlöserin. (p.310)

... Quando a República estiver instaurada, a “igreja” estará ali como pioneira da “liberdade do povo” e aparecerá aos pretos como a redentora.

A seguir, na voz do próprio narrador, vem a confirmação:

... Die katholische Kirche sei die stärkste Geldmacht des Staates...  
(p.310)

... A igreja católica é o poder financeiro mais forte do estado...

Por outro lado, a admiração pela natureza se concretiza com a descrição do porto no Rio de Janeiro:

*Den märchenhaften Zauber dieses Hafens zu beschreiben, fühle ich mich außerstande. Alle Weltreisenden sind darin einig, daß es eine so überwältigende Schönheit der Landschaft nirgends weiter gibt.* (p.226)

Eu me sinto incapaz de descrever o encanto fantástico deste porto. Todos os viajantes estão de acordo, que não existe, em nenhuma outra parte do mundo, uma beleza tão imponente na natureza.

O deslumbramento pela natureza brasileira corporifica-se também nas cartas que o imigrante escreve para os familiares e amigos que ficaram na Alemanha. Assim, Thereze Stutzer escreve para a amiga alemã:

*... O, das ist hier ein Kinderland, ein Kinderparadies!  
... Wie die Kinder hier aufwachsen! ... Aber die Schlangen höre ich Dich sagen. Nein, das ist nicht so schlimm, wie man's drüben denkt. Gewiß muß man darauf achten.* (p.252)

Oh, este é um país de crianças, um paraíso de crianças! ... Como as crianças crescem aqui! ...mas as cobras, estou ouvindo você dizer. Não, não é tão terrível, como a gente pensa aí (na Alemanha). É lógico que é necessário ter cuidado.

A alusão às cobras que povoam o **paraíso**, bem como ao número destes **animais rastejantes** e aos cuidados necessários para evitar suas **mordidas**, vem retomar e atualizar uma **impressão** de Rugendas no começo do século XIX.

Num outro trecho, o narrador fala da febre amarela e, mais uma vez, procura esclarecer que:

*... Santos war damals in der heißen Jahreszeit, ebenso wie Rio, eine wahre Brutstätte des Gelben Fiebers... Jetzt ist die Stadt schon seit mehr als 10 Jahren einer der gesündesten Orte der Welt... Ich erwähne es nur, weil man in Deutschland immer noch der Meinung ist, Santos sei ein ungesunder Ort. Es ist oft schwer, einen Klecks zu tilgen.* (p.316-317)

... Santos foi outrora, nos meses quentes do ano, como o Rio, uma verdadeira incubadora de febre amarela... Agora, a cidade já é, há mais de dez anos, um dos lugares mais saudáveis do mundo. Eu só estou

mencionando isto porque na Alemanha ainda se pensa que Santos é um lugar insalubre. Frequentemente é difícil apagar uma mancha.

Uma visão um tanto quanto paradisíaca ocorre quando a personagem Therese afirma em sua carta que:

*... uns tägliche Brot braucht sich niemand zu sorgen. Hier deckt unser Herrgott den Tisch! Ach, die armen Leute drüben, die nicht wissen, wie sie von einem Tage zum anderen ihre Kinderchen sättigen sollen, wenn die das mal sähen! Da hängen die Bananen und gedeihen völlig ungepflegt...* (p.253)

... ninguém precisa se preocupar com o pão nosso de cada dia. Aqui, é nosso Deus quem põe a mesa. Ah! os pobres na Alemanha que não sabem como saciar a fome de seus filhos dia após dia, se pudessem ver isso! As bananas ficam dependuradas e crescem sem qualquer cuidado...

Contudo, o narrador relata aos seus leitores que para viver no Brasil, nesse país **tão abençoado** com um **clima maravilhoso** (p.254), temos que entender algumas palavras fundamentais como:

***Paciencia** ist das am häufigsten gebrauchte oder doch immer gedachte Wort der Brasilianer, in freier Konkurrenz mit **amanhã**!* (p.231)

**Paciência** é a palavra mais usada ou pelo menos a mais lembrada pelos brasileiros, em livre concorrência com **amanhã**!

Por outro lado, o país é jovem. Este conceito vem sempre retomado pelo narrador e, portanto, os pensamentos e as idéias que se aplicam à Alemanha, país de cultura milenar, aqui nada significam.

E para complementar seu raciocínio o narrador diz que

*... Drüben (Deutschland) lebt man von der Vergangenheit für die Zukunft; hier lebt man nur der Gegenwart. Vergangenheit hat das Land noch nicht.. Für die Zukunft braucht niemand zu sorgen.* (p.273)

... Lá vivemos do passado para o futuro; aqui se vive apenas o presente. Passado o país ainda não tem. E ninguém precisa prover nada para o futuro.

Ao finalizar a obra, o narrador apresenta um capítulo intitulado **Histórias de Animais e Observações**. Aqui, relatam-se as experiências e vivências com o gado leiteiro nas colônias, com as cobras e com as formigas. O tema **formigas** é subdividido em **as saúvas, as formigas andarilhas e os cupins ou as formigas brancas**. Esta parte da obra faz-nos lembrar o relatório final que Hans Staden, em *Duas Viagens*, faz sobre alguns animais que habitam nossa terra.

O livro de memórias de Gustav Stutzer *No Brasil e na Alemanha*, de 1913, que alcançou quase trinta edições, torna-se, portanto, um campo fundamental de investigação para o pesquisador, uma vez que se liga ao tema da **representação da Alemanha e do Brasil** para a construção da memória nacional.

Outro assunto discutido na obra de Stutzer, aparece na voz de seu personagem, que resvala no tema polêmico da mistura de raças, ou seja, a união dos portugueses com os índios. Para tanto, observa que:

*... Ihre Nachkommen leben in den Küftenwäldern zestreut unter den Namen der Caboclos harmlose Leute ohne die geringster geistigen Interessen, ohne Schulbildung, voller Aberglauben. Arbeit ist ihnen der Übel größtes.* (p.258)

... seus descendentes, os caboclos, vivem dispersos nas florestas da costa. São pessoas inofensivas sem os mínimos interesses intelectuais, sem formação escolar e cheios de superstições. O trabalho é para eles o maior dos males.

Essa caracterização vem ressaltar, mais uma vez, o grande mal que os portugueses, segundo Stutzer, cometeram ao se misturarem com os habitantes originais que possuíam uma grande **capacidade intelectual**, comprovada pelos inúmeros resquícios de sua língua presentes na **língua brasileira**. Há uma tendência dos escritores imigrantes alemães denominarem a língua falada no Brasil de Língua brasileira.

No relato de viagem do pastor Gustav Stutzer se concretiza seu olhar sobre o Brasil e sua gente e reflete-se, fortemente, o apego à mãe- pátria e à mãe- adotiva. Assim, ao louvar, elogiar, censurar e ou criticar “fatos e coisas brasileiras”, sua atitude reveste-se de objetividade, discernimento e probidade. Tudo nele é desejo de observar para bem interpretar.

## Referências Bibliográficas

**BOSI, A.** *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**FUNARI, P. P. A.** Folha de São Paulo, São Paulo, 28/04/1997, caderno 6, p.13.

**FOUQUET, C.** *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. 1808 – 1824 –1974. Curitiba: Imprensa Paranaense. Ed. Instituto Hans Staden e Federação dos Centros Culturais “25 de julho”, 1974.

**FREITAS, I. A. A.** *A (re) construção do retrato do Brasil: estudo das imagens na literatura dos imigrantes alemães*. Assis, 1997. 373 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

**OBERACKER, C. H.** *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 2v, 1985.

**RUGENDAS, J. M.** *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. Biblioteca Histórica Brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1940, v.1, 206p.



**STADEN, H.** *Duas Viagens ao Brasil*. Trad. Guiomar de Carvalho Franco (Transcrito em alemão moderno por Carlos Fouquet). Prefácio de Mario Guimarães Ferri. Introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. USP, 1974.

**STUTZER, G.** *In Deutschland und Brasilien*. Lebenserinnerungen. 16. Aufl. Braunschweig: Hellmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung, 1926, 416 p.